

Tecnologias de Inteligência Artificial Generativa e Racismo Algorítmico: uma investigação imagética sobre a representação de pessoas escravizadas no Brasil do século XIX¹

Carolina Dantas de FIGUEIREDO²

Felipe Araujo da SILVA³

Íkaro Wesley Silva de SOUSA⁴

Ivan da Costa Alecrim NETO⁵

RESUMO

Este trabalho investiga as limitações e implicações éticas do uso de inteligência artificial generativa na reconstituição de imagens de pessoas escravizadas no Brasil do século XIX. A pesquisa partiu de uma leitura crítica do livro *O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, de Gilberto Freyre, e buscou humanizar visualmente esses sujeitos históricos por meio da IA. Contudo, os experimentos revelaram padrões de reprodução de estereótipos raciais enraizados nos próprios bancos de dados utilizados pelos algoritmos. A metodologia combinou análise documental, reconstrução imagética com ferramentas como DALL-E e Leonardo.ai, e análise crítica decolonial. Os resultados evidenciam como o racismo estrutural se atualiza no ambiente algorítmico, reforçando desigualdades históricas em um novo campo tecnocientífico.

PALAVRAS-CHAVE

Escravidão; Fotografia; História brasileira; Racismo Algorítmico; Inteligência artificial.

INTRODUÇÃO

Ao longo de 2024, desenvolvemos uma pesquisa no âmbito Programa Institucional de Bolsas de iniciação científica (PIBIC) que buscou resgatar e humanizar as identidades de pessoas escravizadas no Brasil do século XIX, a partir do livro “O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX, de Gilberto Freyre”. Nosso objetivo era ir além dos registros frios e desumanizantes dos anúncios de venda de pessoas escravizadas, utilizando inteligência generativa para reconstruir rostos, traços e etnias com dignidade, evitando representações vexatórias ou caricaturais. Contudo, ao

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Tecnologia e Sociedade evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (DCOM/UFPE), e-mail: carolina.figueiredo@ufpe.br.

³ Estudante de Graduação 5o. Semestre do Curso de Rádio, TV e Internet do DCOM/UFPE, e-mail: felipe.asilva@ufpe.br.

⁴ Estudante de Graduação 5o. Semestre do Curso de Rádio, TV e Internet do DCOM/UFPE, e-mail: ikaro.silva@ufpe.br.

⁵ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE), e-mail: ivan.alecim@ufpe.br.

mergulhar nesse processo, nos deparamos com uma questão urgente: como a IA, que poderia ser aplicada como ferramenta de reparação histórica foi capaz também de reproduzir os mesmos vieses e violências que buscamos superar?

A ascensão das tecnologias de IA generativa transformou radicalmente a produção de imagens, mas também revelou um dilema ético. Se, por um lado, elas nos permitem reimaginar corpos historicamente apagados, por outro, carregam em seus algoritmos marcas de racismo estrutural. Nosso projeto tornou-se, então, um experimento duplo: além de reconstruir fisionomias, passamos a investigar como a IA interpreta e distorce corpos racializados. Quais influências históricas e culturais moldam essas representações? Como evitar que estereótipos se perpetuem sob o véu do banco de dados?

Esta pesquisa não é apenas sobre pixels ou prompts; é sobre memória, justiça e a luta por narrativas que respeitem a complexidade dessas vidas. Ao discutir os limites e possibilidades da IA, queremos contribuir para um debate maior: como usar a tecnologia não para repetir o passado, mas para repará-lo — com ética, crítica e, acima de tudo, humanidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma abordagem metodológica interdisciplinar, combinando análise histórica, processamento de dados e técnicas de inteligência artificial generativa para reconstruir e analisar representações visuais de pessoas escravizadas no Brasil do século XIX. O trabalho foi desenvolvido em três fases principais, cada uma com procedimentos específicos, visando garantir a sensibilidade ética necessária ao lidar com um tema de complexidade histórica e social.

A primeira fase consistiu em um levantamento iconográfico e documental minucioso. Foram analisadas fotografias, pinturas e gravuras da época, com atenção especial às representações de indivíduos negros escravizados. Paralelamente, realizou-se uma categorização sistemática das características físicas descritas nos anúncios de jornais compilados por Gilberto Freyre em sua obra. Este processo permitiu criar um banco de dados descritivo que serviu de base para as outras etapas, registrando com precisão elementos como traços faciais, vestimentas, faixa etária e possíveis indicações de origem étnica presentes nas fontes.

Na segunda fase, os dados textuais coletados foram processados através de sistemas de inteligência artificial generativa. Utilizando plataformas como Leonardo.ai, Adobe Firefly e DALL-E, foram geradas reconstruções visuais baseadas nas descrições históricas. Para garantir a fidelidade histórica e evitar distorções, os "prompts" foram cuidadosamente elaborados a partir dos parâmetros extraídos das fontes documentais e submetidos a validação cruzada com especialistas e estudiosos em iconografia do período escravista. Esta etapa incluiu múltiplas iterações e ajustes nos parâmetros dos algoritmos para refinar os resultados.

A terceira e última fase dedicou-se à análise crítica dos prompts gerados. As imagens produzidas pela IA foram comparadas com o corpus iconográfico histórico, permitindo avaliar tanto sua coerência com as representações visuais da época quanto possíveis vieses algorítmicos incorporadas durante o processo generativo. Esta análise qualitativa foi enriquecida por perspectivas teóricas interdisciplinares, articulando conceitos da história social, estudos visuais e crítica decolonial da tecnologia.

O documento que fundamentou a pesquisa incluiu anúncios de jornais do século XIX, fotografias históricas, pinturas e registros iconográficos diversos, coletados em acervos digitais e físicos de instituições como a Biblioteca Nacional e o Instituto Moreira Salles. Todo o processo foi conduzido sob rigorosos princípios éticos, com o objetivo de evitar a reprodução de estereótipos e garantir o tratamento digno dos sujeitos históricos representados. Esta preocupação se manifestou tanto na fase de coleta de dados quanto na interpretação dos resultados, incorporando continuamente reflexões sobre os limites e possibilidades do uso de tecnologias emergentes em pesquisas sensíveis sobre memória e escravidão.

ANÁLISE E/OU PRINCIPAIS RESULTADOS E/OU CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Em nossa pesquisa, constatamos que as imagens geradas pela inteligência artificial reproduzem padrões de racismo estrutural de maneiras complexas e preocupantes. Um dos problemas centrais diz respeito aos ambientes e cenários associados automaticamente às figuras negras reconstituídas. Sistemáticamente, a IA tendeu a enquadrar essas representações em contextos de pobreza, apresentando casas simples e degradadas como pano de fundo padrão, mesmo quando isso não correspondia

às descrições históricas originais. Esse fenômeno revela como os bancos de dados visuais que alimentam esses algoritmos estão impregnados de estereótipos que associam pessoas negras exclusivamente a condições de precariedade material.

Um desafio particularmente significativo foi a dificuldade em representar adequadamente elementos culturais importantes, como o pano de costa - tecido com profunda relevância nas religiões de matriz africana. No caso específico de Luiza, cuja descrição original no anúncio era “A negra Teresa, de nação Luanda, sempre de pano-da-costa por vender perfumarias em tabuleiro, tinha as costascheias de costuras levantadas” e “o dedo mínimo de uma das mãos aleijados”. A IA demonstrou notável limitação em capturar a riqueza simbólica desses artefatos culturais. Essa deficiência expõe uma grave lacuna nos sistemas generativos: o apagamento histórico de informações sobre culturas, religiões e tradições africanas e afro-diaspóricas em seus bancos de imagens.

As vestimentas emergiram como um elemento crucial na análise, servindo como marcador de classe social e status. No contexto histórico das negras de ganho - mulheres escravizadas que atuavam no comércio urbano brasileiro do século XIX -, a roupa assumia especial importância. Essas mulheres, que trabalhavam como vendedoras, carregadoras e entregadoras, mantinham uma complexa relação econômica com seus senhores, ficando com parte dos lucros e, em alguns casos, conseguindo morar fora do convívio senhorial ou mesmo alcançar a alforria. Seu vestuário representava não apenas condição econômica, mas também um ato de distinção e inserção social, fato que os algoritmos demonstraram dificuldade em compreender e representar adequadamente.

Outro viés alarmante apareceu na tentativa de gerar a imagem de Manuel, cuja descrição no anúncio mencionava “um tanto acarcunda” e de “mãos calejadas por ser meio-oficial de pedreiro” era Manoel, Congo, de 18 anos e “sem ponta de barba”. A IA mostrou dificuldade em retratar uma pessoa negra com deficiência, revelando como esses sistemas perpetuam a invisibilização de corpos negros que fogem aos padrões de normalidade construídos pelos bancos de dados hegemônicos.

A produção de softwares de inteligência artificial concentra-se predominantemente no Norte Global, resultando em sistemas construídos a partir de bancos de dados e paradigmas culturais que refletem essa hegemonia. Essa centralização tecnológica cria ferramentas incapazes de representar adequadamente realidades fora desse eixo dominante, evidenciando o racismo algorítmico aqui tomado como uma

atualização do racismo estrutural na era digital já que as tecnologias e os imaginários sociotécnicos reforçam a ordenação racializada de conhecimentos, recursos, espaço e violência em detrimento de grupos não brancos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso projeto revelou as potencialidades e os limites do uso da IA na reconstituição de imagens de pessoas escravizadas. Se por um lado essas tecnologias oferecem ferramentas inovadoras para acessar imaginários historicamente silenciados, por outro demonstram ser reprodutoras de estigmas e apagamentos históricos.

A pesquisa reafirma a urgência de desenvolver tecnologias comprometidas com a justiça epistêmica e racial, com base em bancos de dados plurais, transparentes e críticos. Como destaca Ynaê Lopes dos Santos (2022), a escravidão não foi apenas um regime de trabalho, mas um projeto de desumanização. E como aponta Silvio Almeida (2019), o racismo é estrutural — inclusive nas máquinas que hoje projetamos.

Mais do que buscar “corrigir” imagens, buscamos tensionar os imaginários que as produzem, propondo uma abordagem ética, crítica e sensível ao uso da IA como instrumento de reparação histórica — e não de sua repetição.

REFERÊNCIAS

ALECRIM NETO, Ivan da Costa. *Fotografia de atualidades no cenário de plataformação, IA e fotojornalismo pós-indicial: fotojornalismo e as tensões técnicas, estéticas e deontológicas diante do atual cenário sociotécnico*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/57157/1/DISSERTAÇÃO%20Ivan%20da%20Costa%20Alecrim%20Neto.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Racismo brasileiro: uma história da formação do país*. São Paulo: Todavia, 2022.

Polícias militares têm origem no século 19. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/25/policias-militares-tem-origem-no-seculo-19>.

Obras Gerais

CARMO, Sura Souza; VIEIRA, Flávia Cristina Costa. *Intersecções entre gênero, raça e trabalho: o vestir-se das negras de ganho no século XIX. Veredas da História*, [online], v. 13, n. 2, p. 100-125, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/rvh.v13i2.47435>.